

Editorial

A escrita como jornada – reflexões sobre ciência, escrita e contribuições dos artigos científicos

Verônica Feder Mayer¹

¹Editora associada – Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo (RBTUR), São Paulo, SP, Brasil.



Como Citar: Mayer, V. F. (2024). A escrita como jornada – reflexões sobre ciência, escrita e contribuições dos artigos científicos. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, São Paulo, 19, e-3247, 2025. <https://doi.org/10.7784/rbtur.v19.3247>

Este editorial é um convite. Não é um manual de instruções nem um parecer técnico. É, antes, uma tentativa de conversar com quem escreve, revisa, recusa, insiste, avalia – e, sobretudo, com quem acredita no papel da escrita científica como forma de contribuição. O objetivo aqui é múltiplo: dividir experiências, ajustar expectativas, provocar reflexão e, quem sabe, desatar alguns nós e costurar alianças.

Falo a partir de muitos lugares, de pesquisadora que já teve textos recusados, de leitora que se emociona com certos artigos, de orientadora que acompanha os dilemas de jovens autoras e autores, e, atualmente, de editora associada da RBTUR. Mas não é um lugar de superioridade. Escrevo este texto com o desejo de partilhar valores que considero importantes: o cuidado com o processo, a empatia, o zelo com o documento, o compromisso com a atitude científica.

Porque publicar exige coragem: de assumir riscos, de sustentar ideias, de se expor a julgamentos. Para todos, mas especialmente para nós mulheres. O ato de expor publicamente um trabalho intelectual ainda é atravessado por barreiras de gênero, por medos profundos e por uma sensação de não ser boa o suficiente – a síndrome de impostora nossa de cada dia. Lidar com críticas, reações agressivas ou condescendentes exige força e equilíbrio mental, alimentados pelo apoio mútuo e pela partilha. Encontrar nossa voz é, portanto, um ato transformador e libertador.

ARTIGOS QUE NOS EDUCAM

Um bom artigo é mais do que uma apresentação de resultados. É uma cápsula de ciência, de generosidade, de clareza argumentativa. Alguns artigos nos educam – literalmente. Ensinam de forma única e memorável. Até hoje volto a eles com reverência. São aulas de método, escrita, argumentação e construção de raciocínio.

Lembro do desafio intelectual de compreender conceitos, apreender métodos, alcançar novos lugares, novas revelações. O deslumbre com a capacidade humana de abrir tantos e novos caminhos. Um artigo não tem que ser fácil. Ele pode nos exigir. Deve nos provocar, nos fazer sentir deslocados ou até frustrados – e tudo isso pode ser bom, se vier junto com a chance de aprender.

O que mais admiro em artigos não é a sofisticação dos dados, mas a capacidade de abrir passagens, de apresentar ideias com precisão, de organizar campos em mapas legíveis, de provocar deslocamentos. São textos que oferecem perspectivas, que desorganizam certezas, que deixam marcas. Alguns me emocionaram. Outros me colocaram para pensar por um longo tempo.

Os artigos que me acompanham, aqueles que voltam à memória em momentos-chave e quando busco inspiração, foram escritos por pesquisadoras e pesquisadores de tradições epistemológicas diversas, abordando teorias e métodos que, em sua maioria, não eram (ou ainda não são) considerados dominantes. Mesmo tempos depois,

continuam me oferecendo insights valiosos. Eles me lembram que publicar é diferente de ser lido. E ser lido não é o mesmo que fazer alguma diferença. Meu desejo, como autora e como editora, é contribuir para que mais artigos como esses encontrem lugar entre nós – pessoas que pesquisam, estudam, leem com atenção e acreditam na ciência como bem público.

O ARTIGO CIENTÍFICO

O artigo científico é um documento formal avaliado por pares antes da sua publicação, e estruturado para apresentar os resultados originais de uma pesquisa científica. Neste sentido, os artigos científicos são voltados a um público específico – pesquisadores, acadêmicos e especialistas – e servem como grupo primário de disseminação de descobertas e avanços científicos. Além disso, os artigos ajudam a construir novas perspectivas teóricas, estabelecendo o diálogo com outros estudos e grupos de pesquisa por meio de citações e referências. O artigo científico, portanto, em seu formato tradicional, é o principal veículo de comunicação entre pesquisadores e essencial para a formação de novos mestres e doutores.

Como um gênero acadêmico consolidado, sua estrutura é composta, geralmente, por introdução, fundamentação teórica, metodologia, apresentação e discussão dos resultados, conclusões e contribuições. Essa forma tem raízes históricas, desde o surgimento dos primeiros periódicos científicos no século XVII, e se fortaleceu ao longo do tempo em diferentes áreas como um modelo que facilita a leitura crítica, a replicação de métodos, o debate teórico e o avanço cumulativo da ciência. Esse modelo é amplamente adotado nos periódicos científicos internacionais e nacionais da área de turismo, incluindo a RBTUR, e também orienta os critérios de submissão de congressos e seminários.

Portanto, artigos científicos têm uma estrutura própria, desenhada para relatar um trabalho de pesquisa. Não é o caso do documento que agora escrevo – um ensaio, um editorial opinativo. Aqui falo com mais liberdade sobre minhas ideias e experiências, que têm um valor diferente, e claramente surgem de uma perspectiva pessoal. Mas quando me volto para a escrita de um artigo, minha perspectiva muda. O objetivo é relatar um processo de pesquisa e seus resultados para o avanço de um determinado campo de conhecimento.

Sim, um artigo carrega ideias e valores, mas suas escolhas e métodos devem ser transparentes para que outras pessoas aprendam, critiquem, melhorem, avancem a partir de onde paramos. Se um artigo não é explícito em suas escolhas teóricas e metodológicas, como avaliar seus resultados, seus achados e conclusões? Se não há diálogo com outros autores e resultados anteriores, como entender as implicações desses resultados? Se existem afirmações e recomendações, quais são suas bases?

Por isso, há muitos cuidados necessários na escrita e na publicação de artigos. Eles moldam o conhecimento de um campo científico, dão materialidade ao trabalho conduzido nos centros e grupos de pesquisa, e são usados na formação das novas gerações. Publicar é dar forma à ciência. E isso tem implicações que vão muito além do ato individual.

É preciso ter em mente, no entanto, que alguns trabalhos de pesquisa ainda não estão maduros para serem publicados. Outros são exercícios acadêmicos que – mesmo que trabalhosos para seus autores – não oferecem avanços significativos. Podem ser parte do processo de formação, do treinamento de pesquisadores, mas não precisam ser publicados. Não é porque você fez um trabalho laborioso, complexo ou preciso que ele automaticamente tem valor científico.

Há situações em que o esforço de publicar um artigo parte de um equívoco: o de que tudo o que foi feito – especialmente se deu trabalho – deve ser transformado em publicação científica. Nem todo exercício técnico ou relatório institucional é, ou precisa ser, um artigo científico. Às vezes o que temos é um documento que deve ser compartilhado com a sociedade por meio de outros veículos específicos. E isso pode ser suficiente. Pode ser, inclusive, mais honesto.

OUTROS FORMATOS DE DIFUSÃO DE CONHECIMENTO

Nem tudo que produzimos é material para um artigo científico – e isso não diminui o valor do que foi feito. Há projetos importantes, experiências valiosas, ideias e materiais que cumprem seu papel e devem ser divulgados em outros formatos. Livros de instituições, relatórios, apostilas, relatos de caso, manuais técnicos, artigos de opinião: todos podem ser úteis para difusão de conhecimento a profissionais, gestores públicos e privados, estudantes ou comunidades. Esse conjunto de materiais – frequentemente classificado como “literatura cinzenta” – inclui

documentos acadêmicos ou técnicos que não passam necessariamente pelo circuito formal de revisão por pares, mas que contribuem de maneira significativa para a difusão do conhecimento. No campo do turismo, sentimos a ausência de veículos editoriais dedicados à comunicação acessível e aplicada, como existe em outras áreas. Publicações como a *Harvard Business Review*, a *MIT Technology Review* ou, no Brasil, a *GV Executivo* cumprem um papel essencial na interlocução entre academia e prática.

Mas utilidade prática não é, por si só, critério de cientificidade. A produção de conhecimento científico tem características muito próprias e exige forma, rigor teórico, transparência metodológica — que nem sempre estão presentes ou são necessárias nesses outros formatos.

A ideia de que “tudo pode virar artigo” contribui para o produtivismo, para o inchaço dos periódicos, para a publicação de textos frágeis, redundantes ou irrelevantes. Quando a ciência se volta apenas para a competição e se fecha em si mesma, compromete não só seu futuro, mas seu próprio sentido: o retorno à sociedade. Textos que ocupam espaço, mas não acrescentam. Que se somam a uma lógica de acúmulo, e não de contribuição. Proteger a qualidade da produção científica exige reconhecer que escrever um artigo é fazer uma escolha — e que essa escolha traz consigo critérios e compromissos. Saber dizer “isso não deve ser um artigo” é um gesto de maturidade científica.

Embora o artigo científico tradicional seja o principal meio de comunicação de pesquisas originais, a literatura acadêmica também inclui outros formatos valiosos, que desempenham papéis complementares na disseminação do conhecimento, atendendo a diferentes objetivos e públicos. Muitos periódicos abrem espaço para diferentes formatos — ensaios, revisões, resenhas, contribuições metodológicas, pontos de vista —, avaliados por editores e pareceristas, reconhecendo que o conhecimento também pode ser comunicado de maneiras diversas. A *RBTUR*, por exemplo, reconhece o valor de outros formatos mantendo seções voltadas para o ensino (*Revisões Didáticas*) e ensaios críticos (*Perspectivas*) que enriquecem o debate acadêmico e contribuem para a formação de estudantes e profissionais da área.

O TRABALHO INVISÍVEL DA ESCRITA CIENTÍFICA

Um bom artigo deriva de um trabalho de pesquisa cuidadoso e rigoroso. Mas escrever o artigo é algo muito diferente. É um trabalho que depende de outras habilidades — e que às vezes chega num momento em que as pessoas já estão cansadas. Já não basta finalizar a dissertação ou a tese? O artigo muitas vezes é visto como um mero subproduto. Mas não é. Escrever um artigo é outro trabalho, com outra natureza, outro ritmo, outro grau de exigência.

E então, o que é escrever um artigo? Escrever bem, cientificamente, implica estruturar argumentos, pensar na progressão das ideias, sustentar afirmações e garantir coerência interna — uma linha mestra que percorra todo o artigo. Além disso, escrever implica revisar. Quem já publicou sabe que o primeiro rascunho raramente é suficiente. Escrever é um ofício. E como todo ofício, precisa ser praticado de forma contínua. Tem seus momentos saborosos, excitantes, entediantes, frustrantes.

Se você não gostou de escrever, não deve pensar que alguém gostará de ler. Já vi bons trabalhos de pesquisa apresentados em documentos fracos, superficiais, apressados. Recortes mal articulados de dissertações ou teses, textos descoordenados, sem fluidez, que não consideram a essência de um bom texto e do processo de comunicação científica. Escrever um artigo não é apenas cortar ou adaptar.

Um bom artigo exige coesão textual, articulação de conceitos, sumarização de ideias em cápsulas menores, mas melhor lapidadas. Exige concentração — textos menores, mais claros, mais informativos, sem excessos nem repetições. Não basta editar rapidamente. É preciso refletir e evitar a pressa produtivista. Em muitas situações, é na escrita do artigo que temos a chance de realizar novas análises, incorporar comentários que ouvimos em congressos e bancas, dialogar com trabalhos mais recentes. Ajustar as expectativas neste sentido é fundamental. Achar que o artigo é o mais fácil, o que “vem depois”, é um erro comum.

Cientistas se comunicam por meio de artigos. Nosso trabalho e nossas ideias trafegam em suas páginas. Horas de vida, momentos longe da família, dos prazeres e dos cuidados com a saúde estão ali — e também por isso ele deve ser bem construído, pensado, amadurecido, formatado com atenção e carinho. Bons pesquisadores e pesquisadoras devem aprender a escrever artigos consistentes e buscar periódicos comprometidos com a qualidade da pesquisa.

Talvez um dia seja possível construir um assistente de inteligência artificial (IA) que faça isso por nós. Mas suspeito que talvez nunca seja possível. IA e modelos de linguagem com certeza podem nos ajudar a evitar erros banais, problemas gramaticais ou sugerir frases mais claras. Podem retirar dos nossos ombros tarefas técnicas e repetitivas. No entanto, a jornada e a escrita científica carregam marcas humanas: curiosidade, julgamentos, dúvidas. Nossa voz está em nosso estilo, em nossas escolhas. E as escolhas cabem aos autores. Cabe a nós decidir e guiar a pesquisa e sua forma final.

Nesses momentos de mudanças e incertezas, gosto de me aconselhar com a “atitude científica”: mente aberta, inquisidora, alerta. Precisamos diferenciar o que é apenas entulho mascarado com belas palavras do que é uma pedra preciosa bruta, que ainda pode ser refinada por mãos talentosas e cuidadosas. Afinal, revelar o valor sem machucá-lo é tarefa de artistas. Sutilezas teóricas, decisões metodológicas, discussões relevantes. O artigo é a pedra preciosa lapidada. Mas, sem a pedra original, é só vidro que se quebra. O artigo vazio – vidro brilhante que se estilhaça ao escrutínio – é o que queremos evitar. Por outro lado, o artigo ainda bruto é um desperdício: seu valor está lá, mas não pode ser reconhecido, porque não foi devidamente preparado e lapidado.

LAPIDANDO E COLABORANDO

Todos os artigos têm suas diferenças. E é bom que seja assim. Não é possível – nem desejável, nem ético – querer que sejam semelhantes. Existem muitos artigos-joia publicados que adotam diferentes perspectivas ontológicas e epistemológicas. E é uma alegria quando nos deparamos com um. Mais ainda quando conseguimos escrever e publicar um.

Na minha trajetória, me orgulho de ter tido a chance de construir pesquisa sólida e lapidar artigos que, mesmo que um pouco técnicos para alguns públicos, são belos exemplares de boa comunicação científica. Na maioria das vezes, não foi um trabalho fácil. Nem solitário. O processo de coautoria, quando baseado em troca genuína de ideias, é muito enriquecedor. Colegas nos complementam, nos apoiam, nos desafiam. Divergem, questionam. Jogam luz. Cutucam conceitos. Destravam bloqueios.

Para mim, escrever é sempre um processo intenso, com rodadas criativas, incubação, devaneio, exposição a novas informações, trabalho concentrado e muitas anotações à mão. E muito tempo no artesanato das frases, em busca da palavra que encaixa, procurando inspiração nos mestres da escrita. Como minha avó fazendo crochê: faço e desfaço se não estiver bom. Flor imprecisa vira linha, que vira flor faceira, encaixada na tapeçaria maior. E mesmo depois que o parágrafo parece perfeito, que o argumento soa sólido, a amiga ou amigo-autor – com outro olhar, outro repertório – ainda é capaz de refinar. Viva!

Os artigos que valem a pena ser publicados – e lidos – são aqueles que queremos ver mais, em todas as revistas de turismo. Eles fazem parte de um processo mais longo de pesquisa, mas não devem ser tratados com menor atenção. Pelo contrário: têm valor para a comunidade, cumprem papel central na disseminação da ciência e ajudam a construir um campo sólido. Artigos científicos dependem de pesquisas originais e relevantes desde a base. Não há como escrever bem sobre o que não foi bem investigado. Mas o contrário não é exatamente verdadeiro. Há pesquisas valiosas que não se tornam artigos consistentes, porque se subestima o trabalho, muitas vezes invisível, de lapidação e reescrita. Negligenciar essa etapa reduz as chances de que a pesquisa seja compreendida, reconhecida ou publicada.

RECUSAS: A DIFÍCIL ARTE DE RECEBER UM “NÃO”

Já tive trabalhos recusados. Me frustrei e me zanguei muitas vezes quando a qualidade do trabalho submetido não era devidamente apreciada ou reconhecida. Isso atrasou algumas de minhas publicações – em colaboração com estudantes e colegas –, mas não as impediu. Posso listar motivos variados para rejeições que recebi e que me pareceram injustas: desde desconhecimento teórico ou metodológico por parte dos pareceristas até preconceito e preguiça de editores internacionais.

Mas preciso admitir que, com mais frequência, pareceres de editores e avaliadores foram generosos e me ajudaram profundamente. Quando comparo as versões iniciais com os textos que foram efetivamente publicados, percebo que o resultado final é melhor, mais claro e mais maduro. Nesses casos, o processo editorial foi uma valiosa oportunidade de aprimorar a peça de ciência publicada. Mesmo que o processo de publicação não seja perfeito, a avaliação por pares, por outros acadêmicos comprometidos com a área de conhecimento, ainda é nossa melhor opção.

Mas é preciso dizer com clareza: nem tudo o que submetemos será aceito. O problema não está em ser recusado, mas em acreditar que isso é sinal de fracasso. A verdade é que bons periódicos, como a RBTUR, precisam de bons artigos. Ao contrário do que se imagina, a preferência é pela aceitação. Nossos corações pulsam mais forte quando recebemos um trabalho promissor. Mas o que buscam editores e avaliadores? Com base em sua experiência como editora de um renomado periódico, a pesquisadora Eleanor J. Sullivan sintetizou as dez razões mais frequentes para a rejeição de manuscritos submetidos à revista (Sullivan, 2002). São insights que valem para todas as áreas. Segundo ela, com quem concordo, quase todos os problemas podem ser evitados se houver compromisso, cuidado e disposição para revisar com seriedade as recomendações recebidas dos pareceristas.

Destaco aqui as razões para recusas que são mais usuais em trabalhos que recebemos na RBTUR. Um primeiro motivo é a inadequação ao escopo da revista, como bons artigos que não tratam de turismo e nem sequer se preocupam em dialogar com a literatura da área. A falta de originalidade é um motivo recorrente, pois, como disse anteriormente, alguns trabalhos não passam de descrições ou são baseados em exercícios acadêmicos característicos dos processos de ensino – revisões de literatura iniciais, apreciações de textos conhecidos – que não trazem novidades ou contribuições adicionais à literatura da nossa área. Também acontece de recebermos artigos contendo dados desatualizados, estudos antigos, com literatura que não contempla o estado da arte ou ignora autores importantes.

Um motivo de recusa recorrente são os estudos com escopo estreito ou sobre contextos muito específicos, com baixo interesse para uma audiência mais ampla. Muitos desses casos se assemelham a relatórios técnicos descritivos, com baixa contribuição científica, não aplicáveis em outros contextos. Ainda que uma pesquisa possa se desenvolver a partir de um recorte espacial delimitado, é fundamental que dialogue com abordagens mais amplas – tanto do ponto de vista teórico quanto metodológico.

Alguns artigos falham em aprofundamento, seja da revisão de literatura, seja da análise, ou das reflexões e discussões necessárias à compreensão dos achados e suas repercussões. Existem ainda motivos relacionados ao rigor científico, como metodologia falha ou mal descrita, o que inviabiliza a avaliação científica – e ocorre em trabalhos de diferentes abordagens metodológicas. Teses e dissertações mal recortadas e sem uma estruturação cuidadosa não são publicadas. Por fim, a falta de uma escrita clara e correta, ou a falta de argumentações coerentes e bem embasadas, motivam frequentemente a rejeição.

Melhoramos a nossa escrita científica lendo artigos, acompanhando publicações atuais em periódicos nacionais e internacionais. É dever e responsabilidade de docentes de programas de pós-graduação, como é o meu caso, expor estudantes a artigos científicos, estimulando a análise crítica e aprofundada. Sem isso, seguirão sem intimidade com a produção científica mais rigorosa e mais atual, e enfrentarão dificuldades nos processos de submissão e avaliação. Portanto, essas questões que envolvem o processo editorial devem ser conhecidas e entendidas por jovens pesquisadoras e pesquisadores.

Mas, para mim, a pergunta não é apenas “como evitar a rejeição?”, mas “como seguir em frente, apesar dela – e de nós mesmos?”. Na minha experiência, manter o foco no processo ajuda a minimizar as ansiedades e as emoções negativas. Às vezes, basta silenciar um pouco a tagarelice mental, aquela que insiste em culpar os outros, ou a si mesma. A rejeição dói e nem sempre ensina. Quando injusta, ela machuca e pode paralisar. Mas, quando conseguimos atravessá-la, ela nos obriga a voltar ao texto com outros olhos. A desapegar de certas frases, a refazer argumentos frágeis, a rever a estrutura, a ler com mais distância. Às vezes, o texto melhora. Às vezes, nós melhoramos com ele.

PRESSÕES, MÉTRICAS E TRANSFORMAÇÕES

O sistema acadêmico atual opera sob uma lógica de produtividade quantificável: artigos, citações, rankings de instituições. Esse ambiente pressiona autoras e autores a produzirem mais e mais rapidamente. No Brasil, também sofremos pressões de instituições e processos de avaliação. E, por isso mesmo, há um peso excessivo sobre o ato de publicar. Escreve-se para constar no currículo, para pontuar em concursos públicos, para cumprir exigências institucionais, para conquistar ou manter bolsas e financiamentos.

É nesse cenário que florescem práticas nocivas. Uma indústria paralela atrai com promessas de publicação rápida e livre de recusas: periódicos predatórios, *paper mills* (fábricas de artigos), revistas sequestradas, edições especiais e coletâneas irregulares. Entre as condutas impróprias que comprometem a integridade da publicação científica, estão a inclusão de coautores que não contribuíram de fato para o trabalho (“*freeriding*”), a omissão deliberada de referências de concorrentes, as exigências veladas de citação por parte de revisores, o oferecimento de vantagens

indevidas para garantir publicação, o uso de fontes não confiáveis para inflar artificialmente perfis acadêmicos e até a comercialização clandestina de citações (Gössling et al., 2021; Singh Chawla, 2024). O que parece ser um caminho mais rápido, compromete nossa relação com o conhecimento e com os outros, deteriora os pilares das nossas instituições, cria desconfianças, dá aos radicais munição contra nossas universidades.

Como forma de resistência, há um debate intenso e necessário sobre qualidade de publicações, ciência aberta e efetiva transferência de conhecimentos. A ciência aberta propõe um modelo de pesquisa mais transparente, colaborativo e acessível – em que dados, métodos e resultados possam ser verificados, discutidos e até reutilizados (Kingsley, 2025).

Com isso, o artigo científico vem se adaptando às novas demandas da comunidade acadêmica. Com o fortalecimento da ciência aberta, tornou-se cada vez mais comum o uso de materiais suplementares – como anexos metodológicos, conjuntos de dados completos, códigos de análise e instrumentos de pesquisa. Isso fortalece a confiança na pesquisa publicada e permite uma verificação mais rigorosa dos procedimentos descritos. Em pesquisas quantitativas, isso se traduz no compartilhamento direto de bases e códigos. Em abordagens qualitativas, as exigências são diferentes, mas não incompatíveis: ainda que dados brutos nem sempre possam ser compartilhados, é possível – e necessário – informar os procedimentos metodológicos, os critérios de análise e as decisões tomadas ao longo da pesquisa.

Plataformas como a OSF - *Open Science Framework*¹, SciELO Data² e SciELO Preprints³ nasceram desse movimento. A RBTUR, como revista de acesso aberto e sensível a essas mudanças, vem incorporando práticas que fortalecem a confiança na ciência publicada e ampliam seu alcance social. A revista apoia e promove a disponibilização aberta de dados e, a partir junho de 2025, em consonância com as políticas do SciELO, passou a exigir uma declaração de disponibilidade de dados em todos os artigos. Desta forma, a RBTUR deseja favorecer a ampliação desse tipo de compartilhamento e transparência, respeitando sempre as normas éticas e legais.

Outro desdobramento é o pré-registro de pesquisas científicas. Nele, os autores descrevem previamente seus objetivos, hipóteses e métodos, e recebem, em alguns casos, incentivo editorial para seguir com a pesquisa tal como planejada. Esse modelo busca fortalecer a transparência e reduzir vieses, apesar de suas limitações em pesquisas qualitativas (Souza-Neto & Moyle, 2025). A RBTUR, adota essa prática na seção de Revisões de Literatura⁴, em que os autores submetem informações detalhadas antes de iniciar a escrita do artigo final. Isso permite selecionar e apoiar projetos com real potencial de contribuição, que aprofundem debates relevantes.

Portanto, publicar é uma necessidade e uma responsabilidade. O propósito não deve ser apenas publicar – colocar para fora o que se tem na gaveta, fatiar uma pesquisa em três ou quatro artigos (publicação fatiada ou *salami slicing*). O propósito deve ser publicar melhor: pesquisas íntegras, mais transparentes, instigantes, incômodas, inovadoras e de qualidade. Textos que ajudem a construir conhecimento, e não apenas a preencher repositórios. Esses têm maior chance de repercussão, agora ou no futuro.

REFLEXÃO FINAL

Cheguei tardiamente na academia e foi uma difícil adaptação. Aprendi muito com artigos científicos e sou grata a autores que nunca vou conhecer. Mas sempre penso que elas e eles provavelmente também enfrentaram dificuldades e obstáculos, pois são pessoas reais, como nós. De fato, uma investigação com acadêmicos proeminentes da economia, mostrou que até mesmo ganhadores do Nobel e da Medalha John Bates Clark têm artigos rejeitados (Gans & Shepherd, 1994). Na pesquisa, apenas 3 dos 20 laureados não admitiram ter tido nenhum artigo rejeitado. Aliás, a pesquisa conta a história de alguns artigos que, depois de rejeitados aqui ou ali, foram publicados e acabaram se tornando clássicos da literatura científica e pilares fundamentais para as mais altas premiações de seus autores.

"*Fail, fail again, fail better*". Essa frase de Samuel Beckett, popularizada pela monja budista Pema Chödrön (Chödrön & Godin, 2015), pode soar deslocada em um editorial acadêmico. Mas ela tem algo importante a nos dizer. Quem publica, ou tenta publicar, já experimentou alguma variação dessa sequência. Falhar. Reescrever. Falhar de novo. E, com sorte, falhar um pouco melhor. Sendo muito franca: o caminho é trabalhoso. A publicação científica tem um tempo próprio. Exige maturação, escuta, reescrita, cuidado. Assim, bons artigos não surgem da

¹ <https://osf.io/>

² <https://data.scielo.org/>

³ <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo>

⁴ <https://rbtur.org.br/rbtur/announcement/view/5>

pressa. Surgem do desejo de oferecer algo que possa permanecer. Uma jornada para fazer parte de uma conversa maior.

Ao longo do tempo, o que realmente sustenta é a disposição para aprender, a resiliência diante das dificuldades e as colaborações genuínas — aquelas que somam e desafiam. E, claro, a capacidade de celebrar os marcos da jornada, sejam eles grandes ou pequenos. A busca por reconhecimento, carreira e sucesso é legítima, mas talvez deva ser tratada como consequência, não como ponto de partida. Equilibrar o ego na equação é desejável, pois há momentos em que ele nos impulsiona, mas em outros nos turva a visão. Encontrar propósito, uma motivação mais íntima, menos dependente de validações externas, é talvez o caminho mais duradouro.

Volto ao tipo de artigo que nos educa, aquele que amplia, desloca, provoca. É nesse exercício de transformar experiência em texto que a aprendizagem realmente se consolida. Talvez eu seja idealista demais — afinal, as coisas mudam rapidamente e as novas gerações vivenciam cenários diferentes, as regras se movem. Mas talvez eu não seja. Portanto, aproveitem o que parecer útil das minhas reflexões, descartem o que não for. E, por fim, não se distraiam. Mantenham a atenção plena.

REFERÊNCIAS

- Chödrön, P., & Godin, S. (2015). *Fail, Fail Again, Fail Better: Wise Advice for Leaning into the Unknown*. Sounds True.
- Gans, J. S., & Shepherd, G. B. (1994). How Are the Mighty Fallen: Rejected Classic Articles by Leading Economists. *Journal of Economic Perspectives*, 8(1), 165–179. <https://doi.org/10.1257/jep.8.1.165>
- Gössling, S., Moyle, B. D., & Weaver, D. (2021). Academic entrepreneurship: A bibliometric engagement model. *Annals of Tourism Research*, 90, 103270. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2021.103270>
- Kingsley, D. (2025). *Show your working: How the 'open science' movement tackles scientific misconduct*. The Conversation. <http://theconversation.com/show-your-working-how-the-open-science-movement-tackles-scientific-misconduct-249020>
- Souza-Neto, V., & Moyle, B. (2025). Preregistration is not a panacea, but why? A rejoinder to Chen & Li's (2024) "infusing preregistration into tourism research". *Tourism Management*, 107, 105061. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2024.105061>
- Singh Chawla, D. (2024). The citation black market: Schemes selling fake references alarm scientists. *Nature*, 632(8027), 966–966. <https://doi.org/10.1038/d41586-024-01672-7>
- Sullivan, E. J. (2002). Top 10 reasons a manuscript is rejected. *Journal of Professional Nursing*, 18(1), 1–2. <https://doi.org/10.1053/jpnu.2002.30890>

Informação dos Autores

Verônica Feder Mayer

Professora Titular da Faculdade de Turismo e Hotelaria da Universidade Federal Fluminense (UFF) e docente do Programa de Pós-Graduação em Turismo da UFF e da Universidade de São Paulo (USP). Doutora em Administração pelo Instituto COPPEAD/UFRJ e Pós-Doutorado pela USP com bolsa CAPES/PNPD. Sua trajetória acadêmica é marcada pela integração entre ensino, pesquisa, extensão e projetos aplicados, com contribuições significativas no Brasil e no exterior. Como pesquisadora, lidera o LABCONS (Laboratório de Estudos Comportamentais em Turismo) e colabora com grupos de pesquisa como o NEAT-USP. Verônica integra a diretoria da Academia Internacional para o Desenvolvimento da Pesquisa em Turismo (ABRATUR). Suas principais áreas de pesquisa incluem comportamento do consumidor, economia comportamental aplicada ao turismo, marketing e gestão responsável no turismo.

E-mail: veronicamayer@id.uff.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7543-5215>